

O genocídio em Gaza e as novas configurações geopolíticas¹

ILAN PAPPÉ, TRITA PARSİ E STEPHEN WALT

Apresentação e comentários:

Reginaldo Mattar Nasser, Arturo Hartmann, Isabela Agostinelli dos Santos, Karime Ahmad Borrascchi Cheaito

RESUMO: À luz dos ataques do Hamas em 7 de outubro e as consequências das ações militares israelenses em Gaza, realizamos entrevistas com pesquisadores da área de Relações Internacionais e Oriente Médio, Ilan Pappé, Trita Parsi e Stephen Walt, sobre contexto histórico, conjuntura regional e internacional e cenários possíveis decorrentes da guerra. As entrevistas foram divididas em: conjuntura internacional; política regional do Oriente Médio; relações EUA-Israel; e desdobramentos internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Gaza. Israel. EUA. BRICS.

The genocide in Gaza and the new geopolitical configurations

REGINALDO MATTAR NASSER

Professor livre-docente da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU).
Email: reginaldonasser@gmail.com

ARTURO HARTMANN

Doutor pelo PPGRI San Tiago Dantas. Pesquisador do Centro Internacional de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade Federal de Sergipe (CEAI-UFS) e do INCT-INEU.
Email: arturo.hartmann@gmail.com

ISABELA AGOSTINELLI DOS SANTOS

Doutora pelo PPGRI San Tiago Dantas. Pesquisadora de Pós-Doutorado em Relações Internacionais vinculada ao INCT-INEU.
Email: isagostinellis@gmail.com

KARIME AHMAD BORRASCHI CHEAITO

Doutoranda pelo PPGRI San Tiago Dantas. Mestre em Estudos Estratégicos pelo Instituto de Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (INEST/UFF).
Email: karime.cheaito@gmail.com

ABSTRACT: In light of the Hamas attacks on October 7th and the consequences of Israeli military actions in Gaza, we conducted interviews with researchers in the area of International Relations and the Middle East, Ilan Pappé, Trita Parsi and Stephen Walt, about the historical context, regional and international situation and possible scenarios arising from the war. The interviews were divided into: international situation; Middle East regional policy; US-Israel relations; and international developments.

KEYWORDS: Gaza. Israel. USA. BRICS.

DATA DE ENVIO: 27/02/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 15/03/2024

¹ Esta pesquisa contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processo n. 465460/2014-3).

1 Introdução

O dia 7 de outubro de 2023 está marcado na história contemporânea da chamada Questão Palestina/Israel. Os ataques-surpresa conduzidos pelo Hamas, ao quebrar a cerca de Gaza e adentrar no território israelense, resultaram na morte de cerca de 1,2 mil pessoas e o sequestro de aproximadamente 200, sendo que 134 permanecem sequestradas. Como reação e argumentando a necessidade de destruir o Hamas, Israel iniciou uma campanha de constantes bombardeios e total cercamento de Gaza, inclusive com apoio incontestável dos Estados Unidos, parceiro de longa data do Estado israelense. As ações israelenses na Faixa de Gaza têm sido tão brutais a ponto de Israel estar sendo investigado na Corte Internacional de Justiça (CIJ), com acusação por parte da África do Sul de que o país estaria cometendo crimes de guerra e até mesmo genocídio.

Até o momento da presente escrita, os dados mais recentes, sistematizados pelo Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA)² da Organização das Nações Unidas (ONU), apontam que em Gaza, desde o 07/10, mais de 29,7 mil palestinos foram mortos, incluindo 12,3 mil crianças; 69,4 mil feridos; 124 jornalistas e 160 funcionários da ONU mortos; 60% das residências foram total ou parcialmente destruídas, assim como três igrejas e 184 mesquitas; apenas 17% dos centros de pronto-socorro estão funcionando; somente 13 dos 35 hospitais estão funcionando parcialmente; 92% dos prédios escolares que serviam como abrigo foram total ou parcialmente destruídos; o acesso a água é de menos de 1,5 litro por dia para cada habitante; e 2,2 milhões (de um total de 2,3 milhões) de pessoas estão enfrentando altos níveis de insegurança alimentar.

À luz das repercussões regionais e internacionais da Guerra de Gaza, buscamos entrevistar intelectuais, professores e pesquisadores de *think tanks* de diferentes países, que possuem publicações relevantes em revistas de política internacional e

2 OCHA. Hostilities in the Gaza Strip and Israel - reported impact | Day 139. **OCHA**, 22 Feb. 2022. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/hostilities-gaza-strip-and-israel-reported-impact-day-139>. Acesso em 22 fev. 2024.

acadêmicas e que têm desenvolvido diversas análises sobre o tema. Serão realizadas outras entrevistas durante o ano de 2024 como parte de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU) e intitulado: “As disputas entre as grandes potências e a nova geopolítica no Grande Oriente Médio: redefinições no sistema de alianças regional”.

O objetivo principal das entrevistas foi captar as principais percepções de importantes intelectuais da área a respeito do contexto e conjuntura regional e internacional, bem como os cenários possíveis em decorrência da reação de Israel aos ataques do Hamas, com destaque ao papel dos EUA e dos países dos BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. As perguntas foram enviadas em inglês, por e-mail, em janeiro de 2024, e as respostas recebidas entre janeiro e fevereiro. Os entrevistados foram os professores e pesquisadores Ilan Pappé (Universidade de Exeter), Trita Parsi (Quincy Institute) e Stephen Walt (Harvard Kennedy School).

Ilan Pappé é historiador israelense, especialista na história moderna e contemporânea do Oriente Médio, com foco em Palestina/Israel, e nos estudos sobre sionismo. Atualmente é diretor do Centro Europeu de Estudos Palestinos da Universidade de Exeter. Possui extensa produção bibliográfica, incluindo as traduções para o português dos livros “A limpeza étnica da Palestina” (Editora Sundermann, 2016) e “Dez Mitos Sobre Israel” (Editora Tabla, 2022).

Trita Parsi é iraniano-sueco, doutor em Relações Internacionais pela Johns Hopkins’ School for Advanced International Studies e especialista em política externa dos EUA para o Oriente Médio, em geral, e para o Irã, em particular. É autor de diversos artigos e livros, entre eles os premiados “Traacherous Alliance: The Secret Dealings of Israel, Iran and the US” (Yale University Press, 2007) e “Losing an Enemy: Obama, Iran and the Triumph of Diplomacy” (Yale University Press, 2017). Foi fundador do National Iranian American Council (NIAC) e atualmente é vice-presidente executivo do Quincy Institute for Responsible Statecraft.

Stephen Walt é cientista político estadunidense, com pesquisa e vasta produção acadêmica focada na política externa dos EUA. É um grande expoente da abordagem realista das Teorias de Relações Internacionais. Atualmente é professor de Relações Internacionais na Universidade de Harvard e colunista na *Foreign Policy*. É autor, junto com o Professor John Mearsheimer, do livro “The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy” (Farrar, Straus and Giroux, 2007).

Utilizou-se como técnica de pesquisa qualitativa as entrevistas semiestruturadas, com um roteiro prévio e escrito, o qual foi entregue aos entrevistados, mas que possibilitava ao pesquisador responder livremente. As perguntas foram elaboradas tendo como guia a necessidade de analisar e compreender as perspectivas sobre a posição política-diplomática de atores relevantes em relação a Israel e Palestina, buscando entender, também, se essas posições denotam algum tipo de mudança paradigmática nas relações de poder no sistema internacional após os eventos do 7 de outubro de 2023. Para isso, desenvolvemos um conjunto de perguntas comuns a todos os entrevistados e perguntas direcionadas à especificidade de pesquisa de cada um. Ao aplicar as perguntas comuns, objetivamos apreender as variáveis, percepções e enfoques de cada pesquisador, assim como identificar possíveis padrões que as respostas poderiam nos oferecer para a análise. A respeito das perguntas específicas, visamos instigar o pesquisador para um aprofundamento analítico de questionamentos que estão latentes no momento em que as entrevistas foram coletadas.

Em termos de conteúdo, dividimos as entrevistas em quatro seções, sendo elas: (1) contexto e conjuntura internacional; (2) política regional do Oriente Médio; (3) relações EUA e Israel; e (4) desdobramentos internacionais, com foco nos BRICS. Em contexto e conjuntura, buscamos focalizar nos acontecimentos em Gaza e sua repercussão internacional, bem como explorar algumas questões relativas à abordagem histórica internacional da Questão Palestina. A respeito da política regional do Oriente Médio, questionamos a posição dos países árabes e a atuação de potências regionais (Irã e Arábia Saudita) e grupos não-estatais (Hezbollah e Houthis, por exemplo) nos desdobramentos da guerra. A terceira

seção de perguntas visou analisar as relações entre EUA e Israel, em suas dimensões intergovernamentais e inter-societárias, uma vez que representam uma das principais variáveis nessa crise. Por fim, na quarta seção buscamos indagar os entrevistados a respeito da posição dos países dos BRICS, que têm assumido relevância política na região, com destaque para a China. Neste tópico, incluímos questões sobre a política externa brasileira.

Para identificação dos envolvidos, elaboramos as seguintes siglas: para os entrevistados, Ilan Pappé (IP), Trita Parsi (TP), Stephen Walt (SW); para os entrevistadores, *anonimato* (A)³.

2 Sete de Outubro de 2023: Contexto e conjuntura

A: Ainda é cedo para falar sobre a reconstrução de Gaza enquanto há um genocídio em andamento. Entretanto, quais seriam os cenários possíveis? Como isso afeta as possibilidades políticas para os palestinos, incluindo a Cisjordânia?

I.P.: Todos os cenários em um futuro próximo são muito ruins. Na melhor das hipóteses, e essa não é uma boa solução, Israel convenceria a Autoridade Palestina a criar outra “área A” em Gaza, enquanto continuaria lutando contra os bolsões de guerrilha do Hamas.⁴ Na pior das hipóteses, uma enorme limpeza étnica de muitos palestinos, a judaização da Faixa de Gaza e uma situação que pode levar a uma guerra regional. Em ambos cenários, há uma grande questão de como a Cisjordânia, os palestinos dentro de Israel e o Hezbollah no Norte reagirão. Não se sabe, mas uma terceira Intifada poderá eclodir também no primeiro cenário.⁵

3 Com o intuito de garantir a não identificação dos autores e garantir a avaliação por pares, utilizamos nessa submissão inicial a sigla “A” para fazer referência aos entrevistadores.

4 A Autoridade Palestina (AP) é um órgão governamental que administra partes da Cisjordânia ocupada por Israel desde 1995. Foi criada sob o bojo dos Acordos de Oslo (1993-95). Inicialmente, a sua criação visava possibilitar o estabelecimento de um Estado palestino independente, mas hoje é identificada com pouco poder real e com operações sob o controle dos militares israelenses.

5 Intifada refere-se às revoltas populares de palestinos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza que visavam acabar com a ocupação desses territórios por Israel e criar um Estado palestino independente. A Primeira Intifada começou em Dezembro de 1987 e terminou em Setembro de 1993 com a assinatura dos

A: Em algumas entrevistas, você abordou o período anterior ao plano de partilha da Palestina apresentado pela ONU em novembro de 1947. Três décadas antes, o então presidente dos EUA, Woodrow Wilson, chamou a atenção por ser um grande defensor da chamada “autodeterminação dos povos”. Na questão palestina, seria o caso de uma determinação nacional que viria de fora, imposta, e não uma autodeterminação? Qual é a importância de revisitar esse momento anterior à proposta de partilha? Como isso contribui para pensarmos sobre o futuro da Palestina?

I.P: Revisitar todo o período de 1917 a 1948 é importante em vários níveis. Em primeiro lugar, ela mostra o tipo de aliança que o lobby sionista conseguiu construir naquele período, o que fez com que o desejo ainda mais genuíno de fora de conceder autodeterminação às nações árabes não incluísse os palestinos. Essa exclusão injusta é importante porque mostra que os Estados Unidos e a Europa, mesmo antes do Holocausto, mas muito mais depois dele, acreditavam que a melhor solução para o problema judaico do Ocidente era levar os judeus a colonizar a Palestina. Em outro nível, isso nos mostra que os palestinos estavam dispostos a confiar no Ocidente no início, endossando tanto o princípio da democracia quanto o da autodeterminação, apenas para aprender que, no caso deles, o Ocidente abusou desses dois princípios.

A: Ainda é possível considerar a Autoridade Palestina como um ator legítimo para os palestinos? Após os massacres de 7 de outubro, é impossível pensar que Israel negociará com o Hamas. Por outro lado, de acordo com pesquisas de opinião, o Hamas tem crescido em popularidade em Gaza e especialmente na Cisjordânia. Como Israel e os EUA lidam com isso?

S.W: Quando uma solução de dois Estados parece mais provável, o apoio ao Hamas diminui. A Autoridade Palestina precisa ser reformada e revitalizada, e o Hamas precisa aceitar que a solução de dois Estados é a única solução viável. Israel também precisa aceitar isso, é claro, e isso significa que precisamos de um governo

primeiros Acordos de Oslo. A Segunda Intifada começou em setembro de 2000 e, embora nenhum evento tenha sinalizado o seu fim, analistas afirmam que ela já teria terminado ao final de 2005.

completamente diferente lá também. Não esqueçamos de que toda a carreira de Netanyahu é baseada na oposição a um Estado palestino, e ele continua a se opor a isso hoje.⁶ Ele também favoreceu dar ajuda ao Hamas para manter os palestinos divididos e fracos, e essa política acabou levando à tragédia de 7 de outubro.

A: No início de janeiro, a África do Sul entrou com um pedido de medidas provisórias contra Israel pelo crime de genocídio na Corte Internacional de Justiça (CIJ).⁷ Quais são as possíveis consequências? Podemos considerar que haverá alguma forma de punição sem precedentes para o país? Mesmo na hipótese de não haver punição, isso poderia levar a um maior isolamento de Israel?

I.P: Bem, a primeira decisão deu a Israel mais um mês antes de qualquer ação contra ele. É provável que Israel não cumpra as solicitações da CIJ. O que a CIJ fará nesse caso, ninguém sabe, depois que ela nos surpreendeu ao não exigir um cessar-fogo imediato. Há duas opções: ou a CIJ declarará sanções ou perderá a pouca confiança que o Sul Global ainda tem nela e no direito internacional.

A: Continuando nessa linha de análise sobre política internacional, que diferenças você identifica entre as posições do governo e as da sociedade civil, especialmente aquelas envolvidas nas campanhas de boicote, desinvestimento e sanções (BDS)?⁸

I.P: Acredito que está claro que a sociedade civil é a favor do B e do D (e do BDS), mas não pode impor as S(anções). Esperamos que, como no caso do apartheid da África do Sul, eventualmente um movimento para B e D se transforme em um BDS.

6 Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel em exercício desde dezembro de 2022. Já ocupou o cargo anteriormente em duas ocasiões: de 1996 a 1999 e de 2009 a 2021.

7 A CIJ começou a analisar no dia 11 de janeiro de 2024 uma ação apresentada pela África do Sul contra Israel, em que este é acusado de genocídio contra o povo palestino na Faixa de Gaza. Link do processo disponível em: <https://www.icj-cij.org/case/192>. Acesso em: 21 fev. 2024.

8 Movimento liderado por ativistas palestinos e que visa a liberdade, justiça e igualdade. É inspirado pelo movimento sul-africano anti-apartheid. Mais informações disponíveis em: <https://bdsmovement.net/pt/what-is-bds>. Acesso em: 21 fev. 2024.

3 Política regional do Oriente Médio antes e após o 7/10

A: Com exceção de algumas reuniões no início da guerra e encontros bilaterais, a ineficiência das organizações internacionais diante o genocídio, além da inação dos países árabes e/ou islâmicos, desperta a atenção. Você acredita que a reação de Israel em 7 de outubro modificou suas relações com os países árabes ou é apenas algo conjuntural? Esses países poderiam ter alguma influência sobre os futuros processos de tomada de decisão em relação a Gaza? Como essas relações regionais podem impactar ou ser impactadas pelos desdobramentos da guerra?

I.P: Acho que até agora nada mudou drasticamente. As sociedades do mundo árabe, como sempre, são muito pró-palestinas e relacionam sua luta pela democracia com a libertação da Palestina. Os governos ainda estão muito cautelosos, pois ainda consideram Israel como um “portão” para os EUA ou um aliado contra o Irã. Eles também têm medo da natureza revolucionária do movimento de libertação palestino. Portanto, precisamos esperar para ver se essa situação mudará no futuro.

T.P: Será cada vez mais custoso para os regimes árabes manter relações normais com Israel após o massacre em Gaza. Embora, talvez, não vejamos uma mudança imediata nas relações, parece improvável que o nível atual de relações possa ser facilmente sustentado no médio prazo - especialmente porque Israel parece inclinado a se mover ainda mais para a extrema-direita.

S.W: As ações de Israel tornaram muito mais difícil para os governos árabes normalizarem as relações, especialmente se não houver passos concretos em direção a um Estado palestino e se o Primeiro-Ministro Netanyahu ainda estiver no poder em Israel. Ainda é possível acontecer, mas não será fácil.

A: Em seu discurso de 3 de janeiro de 2024, Hassan Nasrallah - secretário-geral do Hezbollah - declarou: “O maior desafio para o Eixo da Resistência nos últimos meses foi a Operação Inundação de Al-Aqsa”.⁹ No mesmo discurso, ele enfatizou o papel da “resis-

9 O Eixo da Resistência representa um bloco informal, liderado pelo Irã, e possui o governo sírio como parceiro estratégico e político. Além disso, inclui

tência” nessa guerra. Como você avalia o real impacto do “Eixo da Resistência” na guerra atual e, em um sentido mais amplo, na dinâmica do Oriente Médio? Israel, neste momento, teme ou prevê a abertura de uma nova frente de guerra?

I.P: Bem, o Eixo da Resistência não usou seu potencial em 7 de outubro, para grande alívio de Israel. Ele não tem o poder de derrotar Israel, mas é um fator que demonstra que a única perspectiva de um Estado de Israel sionista é mais guerra, mais derramamento de sangue e insegurança. Essa não é uma visão que possa unir um Estado ou manter sua validade.

T.P: O risco de os Estados Unidos se envolverem em outra guerra está aumentando constantemente a cada dia em que não há um cessar-fogo. Nem a dissuasão nem a diminuição da capacidade do Eixo funcionarão a menos que haja um cessar-fogo.

A: Em qualquer crise no Oriente Médio, os Estados Unidos e seus aliados invocam a presença do Irã, como é o atual caso com as ações do Hamas em Gaza, Hezbollah no Líbano, milícias iraquianas e os Houthis no Iêmen. Existe realmente uma influência iraniana nessas situações? Que tipo de apoio o Irã fornece a esses grupos? Qual é o objetivo?

T.P: Certamente o Irã tem influência, mas não possui controle total sobre esses grupos. Especialmente no caso dos Houthis, que abertamente desafiaram as preferências estratégicas e táticas do Irã. O objetivo final do Irã é expulsar os Estados Unidos da região militarmente. Ironicamente, um número crescente de americanos também acredita que a presença militar dos Estados Unidos no Oriente Médio não serve mais aos interesses do país.

A: Existem muitas análises das relações entre Estados Unidos e Irã sob a perspectiva dos norte-americanos, mas o que pode ser dito sobre a política externa do Irã em relação aos Estados Unidos e à Europa?

grupos armados não-estatais da Síria; o Hamas e a Jihad Islâmica, nos territórios palestinos; o Hezbollah, no Líbano; as Unidades de Mobilização Popular do Iraque; e os Houthis (ou Ansar Allah), no Iêmen, que foram os últimos a ingressarem no eixo, em 2015.

T.P.: Após os Estados Unidos saírem do Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA), Teerã concluiu que Washington nunca aceitará o Irã e que a Europa é muito fraca para se impor *vis-a-vis* aos Estados Unidos.¹⁰ Como resultado, o Irã está se orientando cada vez mais em direção à Rússia e à China, em detrimento dos interesses dos Estados Unidos.

A.: Com o aumento da escalada na fronteira entre o Hezbollah e Israel, aumentou-se, também, o temor por uma escalada regional do conflito. Diante dessas possibilidades, alguns pesquisadores e analistas têm especulado uma possível intervenção mais direta dos EUA na guerra, principalmente por causa do vínculo entre Hezbollah e o Irã. Como você analisa essa possibilidade? Os EUA estariam dispostos a um envolvimento político e, talvez, militar nesse conflito?

S.W.: A administração Biden não quer se envolver militarmente, e certamente não contra o Irã.¹¹ Mas quanto mais tempo a guerra em Gaza continuar, maior o risco de as coisas saírem do controle. Os ataques dos Houthis aos navios levaram os Estados Unidos a ordenar ataques aéreos contra eles, por exemplo.¹² É isso que é tão intrigante sobre o tratamento da administração Biden: se você quer impedir que a guerra se espalhe e o arraste, então você deveria fazer tudo o que puder para obter um cessar-fogo imediatamente. Em vez disso, Washington continua alimentando Israel com mais armas e vetando resoluções na ONU. Não faz sentido estratégico.

10 Joint Comprehensive Plan of Action (JCPOA) é a denominação dada ao acordo nuclear multinacional assinado entre o Irã e seis potências mundiais em 2015, incluindo os EUA sob a presidência de Barack Obama. O presidente Trump retirou os EUA do acordo em 2018, alegando que ele não conseguiu reduzir o programa de mísseis e a influência regional do Irã.

11 Joe Biden é o presidente em exercício nos Estados Unidos desde 2021. Foi vice-presidente de 2009 a janeiro de 2017 no governo de Barack Obama.

12 Como forma de apoio aos palestinos, os Houthis, no Iêmen, executaram diversos ataques a navios internacionais no Mar Vermelho que fossem identificados como vinculados ou aliados a Israel. Como reação, os EUA e a Inglaterra começaram a atacar, a partir de 11/01/2024, o Iêmen. Mais informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-e-reino-unido-realizam-ataques-contra-houthis-no-iemem/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

A: No artigo que você escreveu ano passado, *“America Is a Root Cause of Israel and Palestine’s Latest War”*, além de criticar o papel dos EUA, nota-se a importância que você atribuiu ao Irã em relação à Questão Palestina.¹³ Pode-se dizer que sem o Irã à mesa de negociações, há um risco de fracasso?

S.W: O apoio do Irã ao Hamas e a outros grupos tem sido em grande parte tático: era uma maneira de garantir que os Estados Unidos e Israel não pudessem simplesmente impor uma nova ordem à região que isolasse o Irã. Se o objetivo é uma ordem mais estável e justa no grande Oriente Médio, é preciso levar em consideração os interesses de todos e não se pode excluir um poder significativo como o Irã. Se tentarmos fazer isso, garantimos mais anos de conflito. Isso não significa que os Estados Unidos ou outras potências regionais devam atender a todos os desejos do Irã, mas tentar isolá-los não funcionou no passado e não funcionará no futuro.

4 O 7 de Outubro, os Estados Unidos e Israel

A: Que tipo de estratégia da política externa de Joe Biden a posição dos EUA como apoiador incondicional das ações de Israel em Gaza revela? Ao analisar as repercussões dessas ações, é possível interpretar algum impacto nas relações EUA-Israel?

I.P: A política americana em relação a Israel é fruto da inércia. Ela tem sido influenciada há mais de um século, em primeiro lugar, por um lobby judaico-cristão muito forte, que garante que os políticos em posições sênior ou júnior não queiram ser inimigos desse lobby. Ela também é motivada por tendências imperialistas e pelo contínuo desejo americano de ser o policial do mundo (o que também traz enormes benefícios econômicos para os EUA como país, para as indústrias multinacionais e nacionais e para os órgãos financeiros americanos). A única maneira de desafiar a influência do lobby é se, no futuro, a sociedade civil produzir

13 WALT, Stephen. *America Is a Root Cause of Israel and Palestine’s Latest War*. **Foreign Policy**, 18 Oct. 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/10/18/america-root-cause-war-israel-gaza-palestine/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

políticos imunes a essa pressão e mais conscientes do ponto de vista moral e se, mais cinicamente, Israel deixar de ser um ativo e se tornar um passivo. Ambos os cenários são possíveis, o primeiro se um partido democrático mais progressista assumir a liderança na política e o segundo se um governo republicano mais isolacionista assumir a liderança.

A: Você disse em uma entrevista ao Democracy Now que a administração Biden não deseja uma escalada da guerra na região e que a maneira mais fácil de alcançar isso seria pressionar por um cessar-fogo.¹⁴ Porém, não é isso que estamos vendo. Existe uma estratégia nas ações de Biden, ou os Estados Unidos são um apoiador incondicional das ações de Israel?

T.P.: Claramente Biden priorizou apoiar Israel em vez de manter os Estados Unidos fora da guerra. Após as mortes dos três soldados americanos, será interessante ver se Biden modificará sua estratégia ou se ela persistirá.¹⁵ Ele acredita que pode obter um acordo de normalização entre Arábia Saudita e Israel que encerre a guerra e, como tal, ele não quer encerrar a guerra antes de garantir tal acordo, mas sim quer que o fim da guerra faça parte do acordo.

A: Vimos, em grande escala, manifestações internacionais em apoio à Palestina e, principalmente, condenando as ações de Israel. Quais são as possíveis repercussões para Israel da opinião pública internacional? Que tipo de reflexão podemos fazer especificamente sobre a opinião pública nos EUA e como ela pode afetar a política doméstica do país em relação a Israel?

I.P.: Isso remete à lacuna entre as sociedades civis e os seus respectivos governos, inclusive nos EUA, em relação à Palestina.

14 GOODMAN, Amy; PARSİ, Trita. "Huge Miscalculation": Biden's Refusal to Push for Gaza Ceasefire Could Drag U.S. into Middle East War. **Democracy Now**, 08 Jan. 2024. Disponível em: https://www.democracynow.org/2024/1/8/gaza_israel_wider_war_trita_parsi. Acesso em: 21 fev. 2024.

15 No dia 27 de Janeiro de 2024, três militares norte americanos foram mortos e pelo menos 34 outros ficaram feridos em um ataque de drone, atribuído às milícias xiitas, no nordeste da Jordânia, perto da fronteira com a Síria.

O nível de solidariedade é incrível e impressionante, e terá um efeito no futuro. Até o momento, isso não é suficiente para impedir o genocídio em Gaza. O que temos de buscar é que os jovens que marcham hoje em apoio à Palestina ocupem seus lugares de direito em posições de poder e de formulação de políticas. Isso pode ter um grande efeito sobre a realidade local.

T.P: Podemos não ver esses protestos impactarem diretamente nessa guerra. Mas a médio e longo prazo, o apoio a Israel nos Estados Unidos - especialmente entre os jovens, tanto à esquerda quanto à direita - foi significativamente erodido. Manter o atual nível de apoio dos Estados Unidos à Israel será politicamente mais custoso no futuro.

S.W: O ataque brutal e desproporcional de Israel à Gaza está minando o apoio público a Israel nos Estados Unidos, mas ainda não foi suficiente para superar o poder político do “lobby de Israel”. É por isso que a administração Biden e a maioria dos políticos dos EUA continuam a apoiar o envio de mais ajuda militar a Israel e a protegê-lo no Conselho de Segurança da ONU.

A: Em um artigo para a Foreign Policy, publicado em maio de 2021, você afirma que “É hora de acabar com a ‘relação especial’ com Israel”. Quais são os custos políticos atuais dessa relação especial, especialmente no contexto das próximas eleições? Afinal, os Estados Unidos são apenas um apoiador incondicional das ações de Israel em Gaza, ou há algum tipo de estratégia de política externa por trás da abordagem de Biden?

S.W: O apoio dos EUA a Israel é um desastre estratégico e moral. Washington está apoiando ativamente um Estado que negou direitos políticos a milhões de palestinos por décadas, criando um sistema de apartheid, e pode estar agora conduzindo um genocídio em Gaza. Os crimes cometidos pelo Hamas em 7 de outubro não justificam de forma alguma o que Israel está fazendo agora. Isso faz com que os Estados Unidos pareçam profundamente hipócritas quando tentam falar sobre direitos humanos ou uma “ordem baseada em regras”. Também é um grande presente para rivais, como Rússia e China, porque nos distrai dos problemas na Ásia e lhes permite construir influência no Sul Global. Por último,

porque ainda estamos apoiando Israel mesmo quando Netanyahu repetidamente ignora nossos pedidos, a resposta da administração Biden faz os EUA parecerem fracos e ineficazes.

A: Não há como não falar da questão do lobby israelense na política externa dos EUA, o título do seu livro em co-autoria com o Professor Mearsheimer. Você recentemente alertou que, embora grupos como AIPAC, a Liga Anti-Difamação ou Cristãos Unidos por Israel influenciem a perpetuação do conflito, eles não são os únicos responsáveis. Quem mais compartilha a responsabilidade? Por que as elites nos EUA, assim como na Inglaterra, Alemanha e outros aliados dos EUA, apoiam Israel?

S.W: O lobby é a principal razão pela qual as elites nos EUA e em alguns outros países apoiam Israel, não importa o que faça. Nos Estados Unidos, o “lobby de Israel” é uma coalizão informal de diferentes grupos que trabalham dentro do sistema político para garantir que o governo dos EUA dê apoio incondicional a Israel. Os políticos sabem que criticar Israel ou exercer uma pressão real sobre ele pode arruinar suas carreiras, e o mesmo acontece com muitas outras pessoas no *establishment* de política externa.

A: O que você diria sobre a interpretação desenvolvida pelo Professor Mearsheimer e pelo Professor Walt no livro ‘The Israel Lobby and U.S. foreign policy’, escrito por ambos? Como eles sempre alertam, embora desempenhem um papel fundamental, o lobby israelense nos EUA, por si só, não explica essa influência. Na verdade, o mesmo ocorre, até certo ponto, em países europeus. Por que as elites nos Estados Unidos e na Europa Ocidental apoiam Israel?

T.P: O papel dos grupos de pressão em Washington a favor de Israel, assim como as doações políticas que esses grupos fornecem, explicam uma parte significativa da abordagem dos Estados Unidos em relação a Israel. Mas também existem outros fatores, incluindo o fato de que há um forte elemento no governo dos Estados Unidos que acredita que o país deve dominar militarmente o Oriente Médio e, como tal, vislumbram um valor na relação com Israel.

A: Comumente, quando eclode um conflito e há envolvimento direto ou indireto dos EUA, os debates em torno da “economia de guerra” e/ou da “indústria de armamentos” vêm à tona. Qual é o verdadeiro envolvimento do complexo industrial militar na condução da política externa dos EUA?

S.W: O “complexo industrial-militar” apoia *think tanks* e políticos-chave a fim de convencer os americanos de que sua segurança é precária e que os Estados Unidos devem estar militarmente engajados em todos os cantos do mundo. Ele não controla a política externa dos EUA, mas encoraja políticas mais linha dura. Esses grupos não são necessariamente “pró-guerra”, mas suas ações frequentemente empurram os Estados Unidos nessa direção.

A: A África do Sul entrou com um pedido de medidas provisórias contra Israel por crime de genocídio na Corte Internacional de Justiça (CIJ). O professor Mearsheimer, em seu texto ‘Genocídio em Gaza’, chama a atenção para o fato de que, além das implicações legais, o nome de Joe Biden e dos EUA ficarão para sempre associados ao que, provavelmente, se tornará um dos casos exemplares de reconhecimento da tentativa de genocídio perpetrado por Israel. Quais são as possíveis consequências desse julgamento para os EUA e Israel, independentemente de uma eventual condenação?

T.P: Será extremamente difícil para os EUA se recuperarem disso, especialmente se Israel for considerado culpado de genocídio. Mas mesmo sem isso, o caso causou danos significativos à imagem de Israel e dos EUA fora do Ocidente e gerou desconforto dentro do próprio Ocidente. Washington terá grande dificuldade em promover qualquer noção de ordem baseada em regras, dada sua posição de apoio a Israel e sua rápida rejeição da queixa sul-africana.

S.W: O resultado dos procedimentos na CIJ é menos importante do que as consideráveis evidências de crimes israelenses e crueldade deliberada na campanha em Gaza. Seja qual for o termo utilizado, “genocídio” ou não, houve claramente sérios crimes de guerra cometidos por Israel, e com a cumplicidade do governo dos EUA. Não será possível suprimir o conhecimento dessas ações,

e suspeito que mais evidências virão à tona com o tempo. Isso manchará a reputação de todos os envolvidos.

5 Desdobramentos internacionais: os BRICS

A: O final da Guerra Fria reforçou a tendência da presença hegemônica dos EUA no Oriente Médio. Como você avalia, em geral, a posição dos BRICS nessa questão e, em particular, da Rússia e China? Além do fato de ter sido uma ação inédita do Hamas de entrar em território israelense, a disputa entre grandes potências explicaria, em parte, o fato dos acontecimentos em Gaza neste momento chamarem mais atenção do mundo do que em 2014?

I.P: Não acredito que a constelação internacional entre as potências será seriamente afetada pelos acontecimentos em Gaza. A mudança já havia começado antes e tem seus próprios motivos, que não estão necessariamente ligados a Gaza. Mas ela está ligada à questão da Palestina em geral. Está muito claro que o Sul Global é o único lugar em que a lacuna entre as posições da sociedade civil e de alguns governos sobre a Palestina não é tão grande quanto no Norte Global. A liderança palestina não está suficientemente unida e organizada no momento para se dissociar claramente dos americanos. Se o fizerem, uma nova constelação se formará, o que permitirá com que a China, a Rússia e os BRICS em geral desempenhem um papel mais decisivo na questão da Palestina.

A: Nos últimos anos, acompanhamos a ascensão da influência chinesa e russa na região. Além de sua presença na Síria, a Rússia tem desenvolvido forte relacionamento com a Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, além das relações econômicas. Por sua vez, a China teve destaque na mediação da retomada das relações diplomáticas entre o Irã e a Arábia Saudita. Como você avalia essa atual dinâmica, envolvendo essas duas potências, na região? Podemos pensar em um possível reordenamento hegemônico?

S.W: Não acredito que veremos um “reordenamento hegemônico”, mas está claro que a ascensão da China deu a alguns países do Oriente Médio mais opções. A Rússia tem estado envolvida no Oriente Médio por muito tempo, é claro, mas sua influência é

limitada. No entanto, países como a Arábia Saudita podem tentar obter concessões dos Estados Unidos ameaçando se aproximar da China, e essa preocupação claramente inspirou algumas ações recentes dos EUA.

T.P: Os eventos dos últimos anos - em particular a invasão da Ucrânia pela Rússia e a guerra em Gaza - reforçaram a perspectiva da elite de Washington de que a unipolaridade e a hegemonia americana são necessárias para a estabilidade do mundo. Como tal, eles têm uma visão cada vez mais negativa dos BRICS, que antes eram considerados irrelevantes. No entanto, o público americano não está reagindo da mesma maneira. Inicialmente, eles apoiavam totalmente a política em relação à Ucrânia, mas se voltaram contra ela em grande número, e a oposição à política em relação a Gaza também é muito forte. Estamos retornando à normalidade pós-guerra do Iraque, na qual o público americano é muito cético em relação a intervenções estrangeiras e à ideia de que os EUA devem ser uma hegemonia global.

A: Como você avalia a presença da China no Oriente Médio? A mediação da China no processo de *détente* entre Irã e Arábia Saudita teve um impacto significativo na política dos EUA, ou é algo de curto prazo e com data de validade?

T.P: A China está se movendo muito lentamente. Havia expectativas de que desempenhasse um papel político maior na região após a normalização entre Irã e Arábia Saudita. Mas isso não se concretizou. Em relação a Gaza, a China tem mantido uma atuação relativamente discreta. Ela não buscou aproveitar a situação para constranger os EUA, mas também não se envolveu no conflito para resolvê-lo.

A: Apesar de os governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016) terem reforçado a aproximação com Israel em suas relações comerciais, tecnológicas e de segurança, os dois países tiveram algumas tensões diplomáticas, o que mostrou claramente uma postura diferente do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). No entanto, países como Bolívia, Chile e Colômbia adotaram posturas mais duras em relação a Israel, em comparação ao atual governo

Lula.¹⁶ Como você avalia o retorno de Lula e sua abordagem da questão palestina, considerando o atual contexto da América Latina?

I.P.: Pessoalmente, acredito que Lula é mais pró-Palestina do que suas políticas. No caso dele, é possível que, se o pior cenário for previsto para Gaza, ou seja, políticas mais genocidas, uma guerra no norte de Israel e uma escalada para uma guerra regional, isso o ajudará a ser mais leal às suas posições genuínas que conhecemos quando ele estava na oposição. Precisamos de um Brasil que esteja liderando com a África do Sul uma posição moral, e não apenas estratégica, sobre a Palestina.

T.P.: Lula não liderou um confronto direto com Israel, em parte devido à cooperação necessária de Tel Aviv para retirar os cidadãos brasileiros de Gaza. No entanto, Lula apoiou o caso da África do Sul contra Israel na CIJ (Corte Internacional de Justiça), o que é significativo.

S.W.: Nesta questão, acredito que o Presidente Lula falou corajosamente ao apontar o que é óbvio para todo observador justo.

A: No Brasil, ainda se fala muito em “sionismo de esquerda”, pois ele está presente no partido do presidente Lula, o Partido dos Trabalhadores (PT). O que esses setores representam em Israel e em países como EUA e Inglaterra? Esses grupos ainda são capazes de influenciar a política em relação à questão palestina?

I.P.: Acho que não existe mais uma esquerda sionista significativa. Há a direita, o centro e a esquerda do centro. O que o eleitorado judeu israelense aprendeu é que não há como conciliar a limpeza étnica, e agora o genocídio, com valores universais, sejam eles o liberalismo ou o socialismo.¹⁷ Por volta do ano de 2000, o eleitorado judeu em Israel tomou uma decisão clara, entendendo

16 Em novembro de 2023, a Bolívia cortou relações com Israel, enquanto Colômbia e Chile chamaram embaixadores que estavam em Israel de volta.

17 Limpeza étnica: política adotada para tornar uma área etnicamente homogênea, usando a força ou a intimidação para remover pessoas de determinados grupos de um determinado território; Genocídio: Qualquer ato cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso.

que havia apenas duas opções: um Estado judeu étnico racista ou um Estado democrático não judeu. Eles optaram, em sua esmagadora maioria, pela primeira opção. Não há possibilidade de ser um promotor da limpeza étnica, um ocupante socialista ou um genocida progressista.

REFERÊNCIAS

MEARSHEIMER, John. **Genocide in Gaza**. John Mearsheimer's Substack. 4 Jan. 2024. Disponível em: <https://mearsheimer.substack.com/p/genocide-in-gaza>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. **The Israel Lobby and US Foreign Policy**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

WALT, Stephen. It's Time to End the 'Special Relationship' With Israel. **Foreign Policy**, 27 May 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/10/18/america-root-cause-war-israel-gaza-palestine/>. Acesso em: 21 fev. 2024.